

# EDUCAÇÃO PELA IMAGEM: PIBID POSSIBILITA REDIMENSIONAMENTO CURRICULAR NA ESCOLA<sup>1</sup>

Camila Heveline Santos da Fonseca<sup>2</sup>  
milaheveline@yahoo.com.br

## 1 INTRODUÇÃO

Lecionar na escola pública brasileira, baiana, jacobinense, traduz-se num intenso desafio quando se percebe que as práticas docentes cotidianas nem sempre surtem os efeitos desejados no tocante das habilidades de leitura, escrita, interpretação e produção textual. O corpo docente, bem como os demais segmentos da unidade escolar, percebe a carência de algo que de fato possa tornar o percurso escolar digno, prazeroso e verdadeiramente colaborador no processo de produção do conhecimento. Nesse sentido serão abordados aspectos relevantes concernentes aos desafios dos docentes em sala de aula, a frequência das ações investigativas desenvolvidas ou não pelos professores, a atuação dos bolsistas do PIBID na escola através do subprojeto **Educação pela imagem: Formação cultural, leitura e escrita**, como possibilidade de explorar as possibilidades múltiplas das imagens oriundas dos meios de comunicação e oferecer transformações curriculares importantes através do fomento da pesquisa e das mudanças da prática pedagógica.

## 2 COMO ANDA A ESCOLA PÚBLICA?

Existem diversos empecilhos que estagnam o desenvolvimento satisfatório das atividades pedagógicas rotineiras da escola, dentre os quais podem-se destacar os seguintes: carga horárias exaustivas que impossibilitam o professor de preparar as suas aulas com mais qualidade; baixa remuneração docente, inadequada, incompatível com o trabalho por ele executado e que favorece a baixa autoestima; descompromisso e desesperança de muitos docentes; turmas

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir das observações realizadas na atuação do PIBID no Colégio Estadual Arnaldo de Oliveira, em Caém, o qual foi agraciado com o subprojeto do PIBID: **Educação pela Imagem - Formação Cultural, leitura e escrita**, sob a coordenação da Professora Graciéla Novaes da Penha.

<sup>2</sup> Professora do Colégio Estadual Normal Arnaldo de Oliveira e bolsita de Supervisão do subprojeto do PIBID: Educação pela Imagem - Formação Cultural, leitura e escrita.

superlotadas as quais restringem o trabalho do professor, impedindo-os de oferecer uma atenção maior às dificuldades apresentadas pelos alunos; ausência de apoio da gestão escolar e demais professores quando se pretende realizar atividades inovadoras que demandam tempo; alunos desmotivados e desacreditados do papel social da escola; organização curricular descontextualizada da ordem social vigente vivenciada pelos alunos; ausência de capacitação docente periódica a nível de pós-graduação que atinja um número significativo de docentes da educação básica (considerando que nesta etapa reside um dos maiores déficits de leitura, escrita e capacidade argumentativa dos educandos), acesso restrito ou “inexistente” às novas tecnologias da educação e informação no contexto escolar, ausência de políticas educativas no sentido de fomentar a pesquisa destinadas aos professores da Educação Básica de modo que tenham tempo para leitura, investigação e análise crítica do processo de docência, entre tantas outras lacunas.

Outro aspecto relevante e perceptível nas instituições escolares públicas diz respeito ao descompromisso e desmotivação oriundo de um número considerável de docentes, os quais justificam a postura assumida em virtude do descaso que lhes é destinado no exercício da profissão, tais como desrespeito em relação aos seus direitos, gestão escolar pouco ou nada democrática, ausência de parceria entre os docentes ou entre esses e a gestão. Nesse ínterim, os alunos também são contagiados por esse sentimento negativo tornando-os apáticos demais ou desinteressados e desacreditados do poder de transformação que a escola pode promover. Não é incomum observar na escola uma postura docente sempre reativa, na defensiva e pouco envolvente em relação às ações ali promovidas, talvez por conta das atribuições excessivas que lhes cabem na rotina escolar ou mesmo pela ausência de estímulo, apoio e apatia pessoal diante do trabalho docente. Não há como negar, segundo Antenor Rita Gomes (2008, p.18). que “o docente precisa ser valorizado e bem remunerado para incentivar a qualificação”.

Assim, professores e alunos se questionam: Se a educação pretende formar o indivíduo para a vida em sociedade, será que este papel tem sido adequadamente assumido pela escola? Quais as políticas educacionais por ela desenvolvidas em parceria com o poder público para permitir que o educando possa ter direito ao trabalho ou possa dar continuidade aos estudos? Infelizmente, as universidades públicas têm um público oriundo, em sua maioria, das escolas privadas o que, conseqüentemente atribui, aos acadêmicos, oportunidades melhores de emprego ou mesmo de seguir estudando e se especializando. Iniciativas como o novo ENEM, PROUNI tem garantido a presença do aluno da escola pública nas universidades públicas, porém o número

ainda é incipiente. Nesses moldes, ao aluno oriundo da escola pública, o que lhes é oferecido? Quais as garantias? É possível redimensionar o currículo escolar considerando também esse aspecto? Tais indagações são pertinentes em virtude da desmotivação do aluno ao longo do seu percurso escolar que sempre se questiona: Qual a diferença entre possuir ou não o nível médio se, ao sair da escola, não estamos preparados para assumir um trabalho, tampouco ser aprovado em concursos públicos ou vestibulares? E assim, a escola continua cada vez mais, a fazer pouco sentido para muitos. Para Gomes (2008),

Fazer da escola um lugar não só de um saber, mas de múltiplos saberes. Um lugar em que as pessoas sobretudo, aprendam; em que os processos de ensino não sejam priorizados em lugar dos processos de aprendizagem; em que as diferenças e os interesses possibilitem a busca autônoma da informação utilizando-se dos diversos meios disponíveis, cada um a seu turno e de acordo a sua necessidade, sob a coordenação de um aprendiz mais experiente: o professor.

Redimensionar o perfil, as ações, ou seja, o trabalho escolar como um todo, atento às demandas contemporâneas na sociedade da informação, se fazem necessários para assegurar a motivação de alunos e do próprio professor. A atuação escolar do **PIBID** – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, projeto desenvolvido em várias universidades públicas do país, apoiados pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela PROGRAD - Pró Reitoria de Ensino de Graduação, e assumido recentemente pela UNEB, é de grande valia na medida em que além de favorecer a prática da regência e possibilidade de investigá-la, também auxilia o trabalho do professor regente, cuja carga horária exaustiva lhes impossibilita ou dificulta o desenvolvimento de projetos e atividades extra curriculares. Considerando que a carga horária dos docentes nas escolas municipais e estaduais da Bahia varia até 28 horas/aulas em sala de aula além do período reservado para atividades complementares (ACs) semanais, nem sempre há tempo disponível para que o professor elabore e execute determinadas ações que poderiam trazer benefícios à escola, tais como projetos de intervenção que vislumbrassem o reforço escolar nas chamadas disciplinas críticas, entre outros. Sendo assim, os bolsistas do PIBID acabam sendo peças muito valiosas para auxiliar o docente nas atividades desenvolvidas em sala de aula, especialmente no Colégio Estadual Arnaldo de Oliveira onde é desenvolvido o subprojeto **Educação pela imagem: Formação cultural, leitura e escrita.**

Nesse contexto repleto de tamanhas dificuldades que, conforme foram mencionadas anteriormente, variam desde a ausência de capacitação profissional (a nível de pós-graduação gratuita) até o escasso estímulo dos envolvidos nas práticas pedagógicas, faz-se necessário o redimensionamento do currículo escolar, de forma que seja possível repensar o formato das aulas, o tempo destinado a elas, os conteúdos trabalhados, as metodologias e instrumentos avaliativos, a regularidade de cursos de capacitação e atualização destinados aos docentes, bem como apoiar os professores por meio de remuneração mais digna e, até mesmo, possível redução de carga horária em sala de aula, a fim de que valorizado e com tempo disponível, o docente seja impulsionado e motivado a aprimorar sua prática, tornando-se não apenas um bom professor, como também um pesquisador, contribuindo significativamente para a qualidade do ensino dos seus alunos, e preparando-se mais no tempo em que a instituição escolar venha a lhes oferecer para este fim. Perante o retrato da atual condição do docente da educação básica, percebe-se a necessidade da transformação do universo escolar, a qual requer parcerias e mudanças de atitude, como bem sugere Paulo Freire (1991, p.43):

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo dessas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiando e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas.

Logo, determinadas ações podem ser altamente benéficas para alavancar as práticas docentes no âmbito escolar e aprimorar habilidades básicas dos educandos, que infelizmente na realidade da escola pública nem sempre são alcançadas e, tais lacunas os acompanham até o ensino médio. Essas práticas também podem ser sistematizadas e tornarem-se objeto de pesquisa do professor que verificará os resultados obtidos, bem como irá propor alternativas para modificar o trabalho pedagógico, a fim de que o perfil docente deste contexto contemporâneo esteja vinculado às novas demandas sociais, principalmente no que se refere à utilização do acervo imagético produzido pelos meios de comunicação de massa. Entretanto, é fundamental que atitudes experimentais e investigativas sejam cada vez mais frequentes no fazer pedagógico

para possibilitar a pesquisa, inovação de metodologias e o conseqüente redimensionamento curricular.

### **3 INVESTIGAÇÃO DA DOCÊNCIA E INOVAÇÃO CURRICULAR**

É perfeitamente viável relacionar a formação docente e pesquisa do fazer docente, haja vista a necessidade de se explorar cada vez mais o universo complexo das relações na sala de aula, com todas as suas implicações. O exercício da docência na educação básica, equivocadamente, durante anos limitou-se à prática em sala de aula, contudo este ato não deve se restringir em “dar aulas” visto que, trata-se de uma fonte inesgotável de incertezas e questionamentos propícios à pesquisa, no tocante do formato atual da escola, da aprendizagem dos alunos e da própria escola situada nesse contexto contemporâneo, rodeada de informações e imagens que se expandem numa velocidade impressionante.

Nessa vertente, é viável a implementação da pesquisa educacional etnográfica, na qual o pesquisador observa as suas atividades diárias, verifica o que está acontecendo e busca explicações e interpretações das ações e comportamentos que observa, de modo a aprender o comportamento social. Segundo Roberto Sidney Macedo (2000) a reorganização curricular com base na observação da realidade escolar levam em consideração as implicações do “sujeito, da cotidianidade, da cultura e do poder”.

A esse respeito, o PIBID caracteriza-se como uma parceria entre a universidade e escola pública com o objetivo de que os acadêmicos bolsistas de iniciação à docência possam vivenciar a experiência docente, aprender, trocar ideias com os professores regentes sobre esta prática, de modo a aprimorar as potencialidades no trato com a sala de aula e o universo escolar em sua plenitude, além de exercitarem a prática da pesquisa, como bem afirma Macedo (2000):

[...] oportunidade ímpar para provarem da sua competência, da sua condição de teóricos do dia-a-dia escolar, de atores e autores pedagógicos, na medida em que podem construir pertinentes teorias encarnadas, de profundo valor pedagógico, face à indexalidade dos escritos densos de características cronotópicas (históricas, geográficas, culturais). (p. 255)

Ademais, além de investigarem a docência, professores e bolsistas do PIBID também poderão oferecer à comunidade escolar da unidade de ensino em foco, os conhecimentos

adquiridos na academia, a fim de auxiliar o docente nas atividades pedagógicas diárias e, nessa troca, possam enriquecer as suas respectivas práticas, bem como contribuir para a melhoria da qualidade da educação básica. A atuação dos bolsista no Colégio Estadual Normal Arnaldo de Oliveira contempla esses objetivos.

Ainda que a prática pedagógica possibilite a pesquisa, vale reiterar que ao profissional da educação básica foi privado, de forma velada, o direito de investigar a docência, de desenvolver a pesquisa com o foco no fazer docente diário, na tentativa de compreender melhor alguns fenômenos e entraves dessa árdua função. Uma vez entremeados numa carga horária em sala de aula extenuantes, aliada à parte burocrática, preenchimentos de cadernetas, diários de classe, trabalho exaustivo oriundo da superlotação das salas de aula, participação de comissões (colegiados, caixa escolar, merenda escolar etc), bem como a necessidade diária de criar situações nas aulas mais “atrativas e instigantes” aos alunos, verifica-se que as ações desempenhadas semanalmente pelo docente comprometem a melhoria da sua prática, visto que, não raro apresentam desconforto físico, e tempo escasso ao desenvolvimento da pesquisa.

Esse perfil do educador da escola pública descrito anteriormente, em especial nas escolas estaduais e municipais, o qual é constituído por um profissional narrador e executor do prescrito, do pré-estabelecido, tornou o ato de pesquisar como uma função alheia ao professor, exceto aqueles considerados professores-pesquisadores cujas atribuições não estão centradas na sala de aula. Assim, a pesquisa sempre esteve distante do cotidiano da sala de aula, das angústias, incertezas e questionamentos que sempre surgem a cada aula efetivada, a cada turma visitada, ou seja, pesquisar a docência nunca foi um alvo frequente para o professor especialista.

Nesse sentido, havia uma segregação sutil que distinguia o professor pesquisador do professor convencional ocupado em dar aulas. Nesse sentido, as extensas cargas horárias do professor regente da educação básica o limitaram a executar aulas e, a prática da pesquisa científica tornou-se algo de certa forma “elitizado”, na medida em que apenas alguns tinham esse privilégio, especialmente quando partiam para a pós-graduação. Assim, percebe-se a necessidade de fomentar a pesquisa através de ações cotidianas do universo da sala de aula, de modo que o docente passe a atribuir caráter investigativo às diversas ações que ele desempenha na sua prática. Conforme Freire, (1987, p.69),

O educador problematizador re-faz constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de

depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico também.

O ideal seria a adequação da carga horária, de modo que houvesse tempo destinado à produção do trabalho científico com apoio da Instituição, o que não acontece e apenas pouquíssimos docentes têm a possibilidade de fazê-lo. Nesse contexto, o bolsista do PIBIB é privilegiado na medida em que além de ter a possibilidade de experimentar a docência, terá tempo propício para o desenvolvimento de pesquisas, investigações, colher relatos, obter dados, conhecer realidades, aliar prática à teoria, ou seja, estudar a docência, a qual tornar-se á um fonte inesgotável à produção do trabalho científico. Gomes (2008, p.92-93) assegura que,

A pesquisa educacional é aquela que articula em um só momento os saberes da prática docente concorrente do ato pedagógico e os saberes da academia recorrentes da pesquisa. Professor e pesquisador constroem conhecimento juntos. Não basta que a pesquisa diga sobre a formação de professores, é necessário que se diga com os sujeitos docentes dos seus processos formativos. As vozes devem ser vozes autorizadas.

Torna-se imprescindível que o caráter investigativo da pesquisa passe a ser agregado como parte constituinte do fazer docente. Tais circunstâncias acabam por atribuir, involuntariamente, um papel bastante ousado aos bolsistas do PIBID: analisar o trabalho pedagógico, investigá-lo, exercitá-lo, de modo que as realidades analisadas sejam molas propulsoras para a inovação das práticas e trabalhos desenvolvidos rotineiramente na escola, ou seja, o pontapé inicial para promover transformações significativas no currículo escolar, reformulando práticas e fazeres até então instituídos pelo Projeto Político Pedagógico, Proposta Curricular e Regimento Escolar.

Nesse sentido, partindo do princípio de que os bolsistas, enquanto acadêmicos, adentram o universo escolar cheios de ideias, propostas e boa vontade, tornar a escola um ambiente mais estimulante, prazeroso para toda a comunidade escolar traduz-se numa atividade instigante e que passa a ser assumida parcialmente pelos bolsistas, respeitadas as limitações do grupo, bem como as diretrizes e normas escolares, evidentemente. A afinidade, familiaridade entre educandos, bolsistas do PIBID, professores e demais segmentos da escola podem favorecer a aprendizagem como bem assegura Grant (1999, p.1):

(...)quando os professores compartilham com os estudantes histórias pessoais, razões para suas escolhas pedagógicas, perspectivas subjacentes, à construção de certos conhecimentos, paralelamente ao emprego de uma filosofia de ensino que abrace o pluralismo cultural e a equidade educacional, a aprendizagem do aluno será facilitada.

Paralelo a isso, outro aspecto a ser considerado como fator relevante e decisivo nos resultados obtidos pela escola refere-se à organização curricular. Percebe-se que o currículo escolar, apesar das tentativas de inovações, ainda é descontextualizado dos anseios dos alunos: o maior número de vagas do Ensino Médio destinado aos estudantes da rede pública estadual tem como principal opção a formação geral que não lhes assegura uma formação profissional, na medida em que ao concluírem o curso, geralmente não estão preparados para enfrentar a concorrência dos processos seletivos para ingresso em universidades públicas, não adquirem um bom emprego por não possuírem formação específica, tampouco recebem apoio do poder público local para prosseguir em cursos preparatórios para vestibulares e concursos públicos, e não há política de inserção do estudante no mercado de trabalho promovido pela escola na educação básica, salvo nas Instituições que oferecem cursos profissionalizantes. Além das questões empregatícias, as escolas necessitam adequar os seus currículos às demandas dos alunos, ao mundo do trabalho, à tecnologia da informação entre outros paradigmas essenciais do mundo atual. Conforme Gomes (2008),

A nova era pede escolas cada vez mais abertas para o mundo, menos seriadas, sistemáticas, fronteiriças e normatizadoras. As ações de pensamento em rede, aprendizagens por ecologia cognitiva, complexidade, autonomia, auto-organização e outras do gênero devem ser centrais nesse processo. Inconcebível que mediante tantos recursos e transformações estudantes permaneçam ainda na escola, enfileirados, apenas ouvindo, repetindo e lendo clássicos autorizados pela escola, como se o único saber válido, fosse aquele que circula entre os muros da escola, enquanto que no mundo social os saberes pululam na praça, na TV, no cinema, na feira livre, nas associações, na internet etc. Tudo isso convida a escola para uma mudança radical. (p.16)

Algumas mudanças convergem para o proposto por Gomes (2008) e pode-se citar as seguintes: utilização mais frequente das mídias tecnológicas nas aulas, tanto como apoio, como também como produção; práticas rotineiras e diversificadas de leitura, produção e interpretação de textos lineares ou imagéticos veiculados no cotidiano pelos *mass media*; inserção de novas práticas educativas que conduzam o educando à mostra das suas habilidades; projetos de

intervenção nas mais diversas áreas do conhecimento; aprimoramento das habilidades artísticas dos alunos por meio de projetos culturais com ênfase nas atividades musicais na perspectiva do canto, da apreciação e aprendizado de instrumentos musicais; atividades na perspectiva da leitura e produção de imagens; parcerias com outras instituições que ofereçam apoio às ações pedagógicas e contribuam para motivar professor, aluno e toda a comunidade escolar; oferecer auxílio aos alunos nas etapas que compõem o processo de construção de conhecimentos, além de adequação da carga horária de trabalho docente entre períodos para elaboração e execução de aulas e momento destinado ao aperfeiçoamento profissional. Nessa perspectiva, Gomes (2008, p.15) alerta:

O que fazer para sobreviver no mercado senão redimensionar seu papel, sua função e suas ações? Acho que esse é o dilema que a escola vive hoje. É isso que a escola precisa saber para sobreviver no futuro, posto que ela já não é a única instituição que ensina e, muito menos a detentora privilegiada das informações. A mídia levou a informação a todos os lugares assim como o capitalismo espalhou produtos de consumo por todos os lados da nossa realidade. Se hoje é possível ter acesso a internet e às informações nos cafés, nas lojas, nas estações de ônibus, bastando para isso um crédito para uso dos equipamentos, como não será a relação do homem com as informações em meados do século XXI? Que sentido fará então a escola nessa nova sociedade se não tiver sua atuação modificada?

Desse modo, percebe-se que rever o currículo escola, transformando estruturas enraizadas, propondo mudanças inovadoras não é tarefa das mais fáceis: é necessário um trabalho coletivo entre os governos, comunidade local e escolar, estabelecendo, ainda, parcerias com demais órgãos públicos. As ações mencionadas perpassam pela garantia de uma escola com qualidade para crianças, jovens e adultos, por meio da ação de profissionais capacitados, bem remunerados e cheios de ideias inovadoras, apoiadas pelos seus respectivos governos e abraçados pela comunidade escolar. Desse modo, a investigação das ações desempenhadas, dos resultados obtidos e estudos comparativos entre momentos distintos da prática docente constituem como o pontapé inicial da prática da pesquisa e possível redimensionamento curricular.

Diante do exposto, os bolsistas do PIBID têm ainda um novo papel que é o de incutir no pensamento coletivo da comunidade escolar de que é possível fazer uma escola nova, atraente para os que necessitam dos seus serviços e socialmente relevante para o seu entorno. Logo, vale salientar mais uma vez que os bolsistas não têm o dever de resolver os problemas da escola pública, mas podem ser parceiros na busca por uma educação de qualidade.

Frente a tamanhas dificuldades inerentes ao processo de docência, percebe-se que o PIBID surge num contexto altamente complexo em relação à postura da escola na sociedade e que pode contribuir em vários aspectos para a melhoria da qualidade de ensino; contudo, em momento algum os bolsistas participantes desse programa devem ser considerados redentores da Educação Básica. Evidentemente que esses estudantes acadêmicos ao integrarem o âmbito escolar, participarem da rotina da escola e conviverem mais próximos dos alunos, poderão perceber algumas lacunas ou até mesmo intervir coletivamente para solucioná-las e assim, aos poucos, promoverem, em parceria com todos os segmentos escolares, transformações curriculares significativas.

#### **4 O TRABALHO COM AS IMAGENS**

Dentre as atividades mais comuns desenvolvidas pelos bolsistas do PIBID da UNEB Campus IV através do subprojeto: Educação pela Imagem: Formação Cultural, leitura e escrita, pode-se citar: contato com os professores a fim de conhecer os seus respectivos planejamentos para posteriores intervenções, aplicação de intervenções na sala de aula em parceria com professores das mais diversas áreas, participação em reuniões pedagógicas, atividades complementares (ACs), acompanhamento das aulas dos professores, participação da elaboração de atividades culturais e artísticas, realização de oficinas em turno oposto ao horário regular de aulas, auxílio aos alunos da escola nas atividades de prática de leitura e produção de textos lineares e imagéticos, com o objetivo de fomentar a cultura visual além de promover a análise das imagens veiculadas no mundo, apoio e co-participação nos projetos desenvolvidos pelo governo tais como: FACE, TAL, AVE, PROVE, EPA, Olimpíadas de Língua Portuguesa, concursos de redação.

Todas as ações mencionadas anteriormente não só estão em plena sintonia com os propósitos do referido subprojeto que visa à melhoria do rendimento dos alunos nas atividades de leitura, escrita e produção de textos lineares e imagéticos, como também tem um foco principal voltado para o mundo das imagens, ou seja, um olhar especial, atento, crítico, minucioso, capaz de absorver informações diversas oriundas das mais distintas imagens que são veiculadas diariamente através dos meios de comunicação de massa, para que, uma vez compreendidas, essas imagens possam possibilitar que o aluno lhes atribua sentidos múltiplos capazes de

favorecer o raciocínio crítico diante do contexto social que o circunda, bem como compreender discursos incutidos culturalmente ao longo de anos que afrontam ou marginalizam as minorias, impondo assim ideologias dominantes. A esse respeito, Gomes afirma que:

Estadistas, tiranos e as grandes estrelas sempre usam o poder da imagem para criar, por meio do encantamento visual, uma outra cegueira visual conseguida por meio da saturação do uso exaustivo da imagem para criar um olhar bem comportado pouco questionador. Esse movimento é contrário ao de uma educação visual pautada nas noções de autonomia interpretativa, sentido e poder de crítica. (2008, p.25)

As ações do PIBID podem ser bastante cruciais no processo gradativo de redimensionamento do currículo escolar sob a perspectiva das imagens, além de apresentarem possibilidades para o trabalho na sala de aula de forma crítica e instigante promovendo, assim, um processo de letramento ou alfabetização visual que possibilite ao aluno explorar, analisar e agir quando submetidos às múltiplas imagens circundantes, as quais freqüentemente transmitem ideologias, comportamentos e diversos significados imperceptíveis por muitos. Tal necessidade se justifica, em virtude do crescimento vertiginoso das TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação – as quais têm sido difundidas em todas as camadas sociais, perpassando pela escola, e são responsáveis pela criação e veiculação das mais diversificadas imagens que tanto seduzem o indivíduo quanto contribuem largamente para a sua formação.

Desde o ano de 2010, quando o PIBID foi instituído pelo Campus IV da UNEB e seus respectivos projetos assumidos pela escola na unidade de ensino em foco, percebeu-se que a dinâmica escolar foi e está sendo gradativamente modificada no tocante das atividades extra curriculares, alternativas, mas de grande valia para o aprendizado docente. Foram desenvolvidas diversas oficinas temáticas tais como: oficinas midiáticas de apoio ao uso das ferramentas básicas do computador como editores de texto e imagens (ainda muito complexas para muitos alunos); oficina de fotografia cujo objetivo principal era o de registrar pelas lentes fotográficas, através de técnicas simples, a realidade circundante dos alunos, possibilitando-lhes a valorização do seu patrimônio artístico, cultural, natural e etc; oficina de redação como foco no texto imagético que era explorado arduamente nos debates para posterior produção de outros gêneros textuais; oficinas de inglês instrumental através das imagens que possibilitou o enriquecimento do vocabulário desta língua estrangeira, contemplando também uma demanda contemporânea do conhecimento de mais um idioma. Além das oficinas, os bolsistas também auxiliavam os

professores como co-partícipes das aulas, contribuindo com propostas onde as imagens eram sempre utilizadas como conteúdo e não apenas como recurso de apoio às aulas.

Nessa perspectiva, é notória a necessidade de os professores repensarem as suas práticas no tocante do trabalho com imagens ou ausência deles, a fim de que os alunos tornem-se capazes de interpretar as imagens com as quais convive, bem como aquelas que eles próprios produziram. A contemporaneidade demanda o redimensionamento da prática pedagógica de modo que a compreensão crítica da cultura visual seja tarefa de todos os docentes no âmbito escolar, para que, de fato, os educandos e educadores aprimorem a sua sensibilidade frente à multiplicidade de imagens que se formam diariamente diante dos seus olhos.

O professor da atualidade pode fornecer alternativas e subsídios para o exercício da interpretação textual de forma mais significativa e alternativa, contando com a utilização de textos imagéticos, considerando que a sociedade pós-moderna tecnológica exige que a escola não apenas insira verdadeiramente em seu currículo esse novo paradigma, como também reveja as ações efetivadas até então nos meandros das atividades com a linguagem imagética. O eixo norteador desse novo paradigma gira em torno da necessidade de auxiliar o aluno a aprimorar a sua criticidade a partir de textos visuais.

Vale ressaltar que a utilização didática da imagem apenas como suporte para a interpretação de textos escritos torna a sua importância secundária frente aos textos verbais, podendo limitar o potencial crítico e criativo do educando, conforme aponta Maria Emília Sardelich:

É nesse sentido que se considera a produção de imagens como um desses mecanismos educativos presentes nas instâncias socioculturais. As imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento. (SARDELICH, 2006, p. 459)

Diante do exposto, fica evidente que os novos protótipos da educação pós-moderna visam na revitalização das práticas educativas, no sentido de garantir ao educando não apenas as competências básicas da leitura e interpretação de textos lineares, mas também de textos imagéticos e a capacidade de posicionar-se criticamente diante de ambos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se poder observar, a proposta o trabalho pedagógico com imagens é abrangente e não se limita a algumas disciplinas; pode-se perfeitamente ser inserida no planejamento dos professores das mais diversas áreas, através da elaboração de projetos multidisciplinares ou pequenas intervenções que valorizem a imagem como não apenas um recurso didático para que o aluno aprenda determinado conteúdo, mas como o próprio conteúdo. Partindo das experiências pedagógicas vivenciadas, nota-se com frequência que mesmo residindo em na zona rural, os alunos têm acesso a diversos audiovisuais, sobretudo na escola, mas que nem sempre tem sua utilização otimizada e voltada para a educação visual.

Nesse íterim, no tocante da inserção das TICs no âmbito escolar, os novos paradigmas educacionais estabelecem alguma ações que devem ser assumidas pela escola dentre as quais pode-se destacar: a utilização freqüente das imagens que circulam no meio social, sem que estas sejam apenas suporte para o texto escrito; levar o aluno a perceber que assim como texto linear, as imagens transmitem um leque diversificado de mensagens e ideologias; e perceber as relações de poder presente nessas imagens.

A atuação dos bolsistas do PIBID do Projeto: **Educação pela imagem: formação cultural, leitura e escrita** pode ir ao encontro do trabalho dos professores e demais servidores da Instituição, e, através da troca de experiências, potencializar a prática, propor mudanças e aos poucos conduzir a escola ao processo de mudança curricular diretamente relacionado à nova ordem social da era da informação. Logo, os bolsistas se mantêm sempre atentos a tudo que acontece na escola e, após as observações desse contexto escolar apresentaram ideias instigantes para aprimorar as atividades educativas da escola somadas às ações docentes já existentes.

Ainda que a maioria dos bolsistas não tenha participado como regentes da docência, estão sempre cheios de expectativas, possibilidades e propostas que podem contribuir satisfatoriamente com o trabalho de docente.

Em síntese, vale enfatizar que a perspectiva da utilização pedagógica da imagem é socialmente relevante na medida em que a escola está inserida num contexto social pós-moderno no qual o avanço tecnológico jamais visto na escola demanda práticas de ensino que contemplem esse universo cibernético do qual a imagem faz parte.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra,1991.

GRANT, C. A. “Introduction: The Idea, the invention, and chapter themes”. In: GRANT, C. A. (org.). **Multicultural research. A reflective engagement with race, class, gender, and sexual orientation**. Londres: Falmer Press, 1999.

GOMES, Antenor Rita. **Linguagem Imagética e Educação**. Guarapari-ES: Ex Libris, 2008.  
Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 15-39, jan./jun. 2006.

MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**, volume 36, número 128, páginas 451-472. Agosto 2006.